



FEPEG

FÓRUM DE ENSINO,
PESQUISA, EXTENSÃO
E GESTÃO

TRABALHOS CIENTÍFICOS APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS DEBATES MINICURSOS E PALESTRAS

23 A 26 SETEMBRO DE 2015
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

ISSN 1806-549X

A HUMANIZAÇÃO NA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO



Repercussões da Feminização na Área Médica - Uma Revisão de Literatura

Victória Spínola Duarte de Oliveira, Mariana Ribeiro Cavalcante, Vera Lucia Mendes Trabbold

Introdução

Nas últimas décadas houve um considerável aumento do ingresso de mulheres nas faculdades de medicina no país. Na década de 60 os homens representavam a maior parte do curso, porém no decorrer dos anos houve uma mudança do quadro. Na década de 70, as mulheres representavam 11% da profissão médica, nos anos 80, 22% e nos anos 90 equivaleram a 32,7% do total de profissionais médicos. Atualmente, as mulheres representam a maior parte dos estudantes do curso médico e já correspondem a mais de 50% dos jovens que iniciam sua especialização.

Esse aumento progressivo do número de mulheres na área médica causou impactos na maneira de exercer a medicina e na divisão de trabalho, porém não se traduziu em equidade entre homens e mulheres no acesso ao mercado de trabalho. Tendo em vista esse fenômeno de ingresso de mulheres na carreira médica e as ainda presentes disparidades de gênero no mercado de trabalho, a predominância de homens e mulheres de acordo com especialidades e uma ainda existente segregação dentro do próprio emprego, esse estudo tem como objetivo realizar uma revisão de literatura para investigar quais as repercussões para o contexto profissional da feminização na área médica.

Material e métodos

A. Aspectos metodológicos

Este estudo refere-se a uma pesquisa de revisão narrativa de literatura de abordagem qualitativa, objetivando identificar quais as repercussões para o contexto profissional da feminização da área médica. A busca dos artigos foi realizada pela internet, nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO). Para o levantamento das pesquisas, foram utilizados os descritores: “medicina”; “gênero”; “mobilidade ocupacional” e “educação superior”. Para complementar a busca, foram definidos os seguintes critérios de inclusão e exclusão: artigos publicados nos últimos cinco anos, em língua inglesa e portuguesa, independente do método de pesquisa, com texto completo disponível. Foram encontrados 336 artigos.

B. Coleta de dados

Foi feita a leitura dos resumos dos 336 artigos, dentre os quais foram selecionados apenas aqueles cujo assunto principal se voltava aos impactos do aumento do número de mulheres ingressantes na área medicina nos últimos 5 anos, cujos estudos se realizavam em adultos e publicados em revistas voltadas para a ética, a medicina, a educação e as ciências do comportamento. Excluiu-se, a partir das leituras dos resumos, os que não possuíam texto completo disponível, sobrando um total de 129 artigos remanescentes.

C. Análise de dados

Para a análise qualitativa, os artigos encontrados foram devidamente lidos, analisados e agrupados por categorias de análise:

- 1- Mudanças na prática médica consequentes do maior ingresso do gênero feminino;
- 2- Definições de eficiência profissional por estudantes e egressos do curso de Medicina.

Foram encontrados apenas 6 artigos que atenderam a tais critérios e que são especificados na Tabela 1.

Resultados Parciais/Discussão

Dentre os 6 artigos encontrados, todos trazem disparidades acerca dos obstáculos enfrentados por homens e mulheres. As mulheres médicas sofrem significativo impacto negativo, provocado por estereótipos sexistas e sutis discriminações de gênero enraizadas na cultura médica durante os anos de formação. Essas discriminações surgem através de barreiras diretas e indiretas que impedem um crescimento profissional das mulheres em condições de igualdade com os homens [1]. As médicas se deparam com várias dificuldades na sua carreira profissional, como um excesso de encargos domésticos, uma dupla jornada de trabalho, problemas relacionados à maternidade e ao ciclo vital (por exemplo, o parto e a gestação que impedem uma trajetória mais linear na carreira), além de problemas de saúde decorrentes desse ciclo. Outro ponto, citado apenas no discurso feminino, é a preservação da intimidade e/ou imagem,



FEPEG

FÓRUM DE ENSINO,
PESQUISA, EXTENSÃO
E GESTÃO

TRABALHOS CIENTÍFICOS APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS DEBATES MINICURSOS E PALESTRAS

23 A 26 SETEMBRO DE 2015
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

ISSN 1806-549X

A HUMANIZAÇÃO NA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO



consequência do peso dos preconceitos sociais que interferem nas opções profissionais e no comportamento e atitudes das mulheres que buscam manter uma imagem de seriedade e respeitabilidade [2]. Esses fatores resultam em um menor número de horas trabalhadas pelas mulheres, diminuição do tempo para se especializar e participar de congressos exteriores, menor mobilidade territorial e uma tendência à abandono de carreiras cuja formação seja muito longa e exigente.

Com o processo de feminização da medicina, alguns estereótipos de gênero foram superados. A entrada de mulheres nos curso médico aumentou, isso se deve em parte ao ingresso no curso através do vestibular, em contraposição com a antiga prova oral e escrita, processo pelo qual entravam apenas uma ou duas mulheres por turma [2]. Não era permitido às mulheres fazerem plantão e estágio devido aos inúmeros preconceitos existentes, seus comportamentos eram mais vigiados. As mulheres eram mais protegidas, apesar de sofrerem restrições de alguns colegas por acreditarem que estas não tinham a mesma capacidade de desenvolvimento. Porém, muitos estereótipos se mantiveram, estes estão enraizados na cultura médica do corpo docente, com influência sobre as mulheres de tal forma que muitas chegam a pensar que nem todas as especialidades são apropriadas para elas, especialmente se desejam ter filhos. Estes mesmos docentes deixam de escolher estudantes mulheres com filhos para serem suas orientandas, por acreditarem que são incapazes de satisfazer as exigências do campo de pesquisa ou que atenderão às demandas de uma formação de longo prazo. Destaca-se a falta de orientadores e docentes mulheres nesse contexto [1].

Observou-se também diferenças na distribuição de homens e mulheres em especialidades médicas e em cargos de chefia. Os homens predominam nas especialidades cirúrgicas e naquelas que atendem urgência e emergência, como a ortopedia. Estudos indicam que a ideia de que há necessidade de maior força e resistência física, a formação mais demorada, a exigência de maior disponibilidade de tempo e a dificuldade de coordenar práticas profissionais com a vida familiar são os principais motivos que afastam as mulheres de determinadas especialidades, sobretudo as cirúrgicas [1,3]. Nesse sentido, a opção das médicas brasileiras é pelas especialidades básicas, como Pediatria e Ginecologia e Obstetrícia, em detrimento de especialidades cirúrgicas. Foi percebido também que a mulheres se sentem menos confiantes dentro do seu ambiente de trabalho em comparação com colegas do sexo masculino, bem como uma menor ocupação das mulheres em cargos de chefia, ainda que estas tenham uma formação igual ou superior [4,5]. No meio acadêmico, as mulheres se sentem menos aceitas e menos confiantes acerca do avanço da carreira [6].

Em alguns países onde as mulheres são maioria na área, como a Rússia e a Estônia, a profissão se tornou uma ocupação de baixo status, devido ao fato de, como na maioria das profissões, as mulheres tendem a receber uma menor remuneração se comparadas a homens em casos semelhantes [3]. Além disso, observa-se uma evasão masculina de algumas especialidades médicas a partir da sua feminização. A área se torna desvalorizada e passa a ser vista como inferior.

As mulheres médicas são mais propensas do que seus colegas masculinos a harmonizar a relação médico-paciente, pois adotam estilos mais democráticos de comunicação, promovem relacionamentos colaborativos, discutem mais os tratamentos e envolvem os pacientes nas tomadas de decisão[2,3].

Conclusão/Conclusões/Considerações finais

Nas últimas décadas, houve uma ruptura nos paradigmas que moldavam a entrada das mulheres na medicina, evidenciado pelo aumento da inserção delas nessa área que ainda é predominada por homens. O reconhecimento público das capacidades intelectual e profissional não foi acompanhado pelo abandono de estereótipos sexistas. O gradativo aumento do número de médicas poderá influenciar o futuro da profissão, contribuir no modelo de cuidados de pacientes e na organização do sistema de saúde. Instituições e autoridades de formação serão compelidas a criar recursos e mecanismos de formação alternativos se quiserem solucionar o problema da escassez de profissionais médicos em determinadas especialidades, buscando atender às novas necessidades da feminização da área médica [1].

Tais esforços devem, ainda, reconsiderar alguns dos valores intrínsecos que reforçam a tradicional hierarquia nas universidades e na profissão médica, bem como incluir as mulheres, para se tornarem mais efetivos e eficazes. No entanto, é necessário um maior aprofundamento da abrangência dos impactos da feminização da medicina e vinculando-os com mudanças já necessárias na área da saúde, principalmente aquelas voltadas à reforma no modelo assistencial do sistema de saúde brasileiro, a partir da atenção básica focada no trabalho em equipe e orientada pelos princípios do vínculo e da humanização do atendimento [3].

Conclui-se que há uma mudança positiva na maneira de se exercer a medicina devido à maior inserção de mulheres, porém há a necessidade de adaptação desse sistema de maneira a promover uma maior equidade e uma ruptura com padrões de determinismos de gênero. Apesar de uma tendência à equiparação quantitativa, uma realidade de equidade de oportunidades e distribuição de poderes está muito distante.



Referências

- [1] ÁVILA, R. C. Formação das mulheres nas escolas de medicina. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v.38 n.1, jan./mar. 2014
- [2] SANTOS, T. S. Discriminações, estímulos e obstáculos no campo profissional da medicina: um olhar de gênero e gerações. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 499-527, nov. 2009/fev. 2010.
- [3] SCHEFFER, M. C.; CASSENOTE, A. J. F. A feminização da medicina no Brasil. **Rev. bioét.**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 268-277, mai./aug. 2013.
- [4] CRUZ, K. S.; CRUZ, M. H. S. Diferenças de gênero no trabalho médico em saúde pública em Aracaju/Sergipe/Brasil. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 10., 2013, Florianópolis, *Anais Eletrônicos* ... Florianópolis : UFSC, 2013, p.1-9.
- [5] POLOLI, L. H. *et al.* Experiencing the culture of academic medicine: gender matters, a national study. **Journal of general internal medicine**, v. 28, n. 2, p. 201-207, 2013.
- [6] BLEAKLEY, A. Gender matters in medical education. **Med. Educ.**, Oxford, v. 47, n.1, p. 59-70, jan. 2013.

Tabela 1. Relação de artigos utilizados e seus respectivos objetivos.

Nº	AUTOR (ANO)	TÍTULO	OBJETIVO
1	ÁVILA, R. C. (2014)	Formação das mulheres nas escolas de medicina	Apresentar principais questões abordadas pela comunidade acadêmica com respeito da problemática. Dar visibilidade às estratégias adotadas por instituições de ensino na promoção da equidade de gênero nas escolas de formação médica.
2	SANTOS, T. S. (2009 / 2010)	Discriminações, estímulos e obstáculos no campo profissional da medicina: um olhar de gênero e gerações.	Analisar a realidade objetiva e representações de homens e mulheres sobre seu trabalho na medicina e as interfaces com a esfera doméstica, considerando fatores como : discriminações, estímulos e obstáculos para a carreira profissional, na perspectiva de gênero e gerações.
3	SCHEFFER, M. C.; CASSENOTE, A. J. F. (2013)	A feminização da medicina no Brasil.	Traçar o panorama da evolução histórica da distribuição de médicos no Brasil segundo sexo, descrevendo o fenômeno da feminização da medicina no país.
4	CRUZ, K. S.; CRUZ, M. H. S. (2013)	Diferenças de gênero no trabalho médico em saúde pública em Aracaju/Sergipe/Brasil	Analisar o trabalho de médicos(as), inseridos(as), em equipes multiprofissionais, visando recuperar o campo das diferenças sem perder a dimensão histórica das igualdades de oportunidades entre os sexos.
5	POLOLI, L. H. (2012)	Experiencing the Culture of Academic Medicine: Gender Matters, A National Study. Waltham	Identificar semelhanças e diferenças entre a percepção de cultura entre professores do sexo masculino e feminino.
6	BLEAKLEY, A. (2013)	Gender matters in medical education	Analisar o fenômeno da feminização da medicina, considerando aspectos demográficos, biológicos e culturais; e identificar os desafios desse fenômeno na educação médica, que é enraizada com uma cultura patriarcal.